

HISTÓRIA, SISTEMA LITERÁRIO E SOCIEDADE NA VERSÃO FOLHETINESCA DE QUINCAS BORBA

Luiz Antonio Silva
FAPERJ

RESUMO

O presente artigo consiste numa análise da publicação do romance *Quincas Borba* nas páginas da Revista *A Estação* entre os anos 1886 e 1891, no formato folhetim-romance. A partir de um olhar influenciado pela Ciência da Literatura Empírica pretende-se abordar as interações entre o texto da obra, a revista e a sociedade como um conjunto de ações de produção, distribuição, recepção e leitura crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, folhetim, recepção, sistema literário, sociedade

Entre 15 de junho de 1886 e 15 de setembro de 1891, Machado de Assis, já reconhecido como um grande escritor, publica nas páginas da revista *A Estação*, periódico de modas destinado principalmente ao público feminino, o romance *Quincas Borba*. Esta história é marcada por algumas características de seu romance anterior, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, tais como o humor irônico, reflexões filosóficas e provocações ao leitor. Para a publicação em livro, em 1891, Machado fez várias alterações no texto, acrescentando e principalmente suprimindo palavras, frases e até capítulos inteiros.

O interesse em construir uma compreensão desse caso partiu do estranhamento que muitos de nós sentimos ao saber que a primeira versão do romance *Quincas Borba* foi publicada na forma de folhetim numa revista feminina de modas. Tal choque possivelmente é fruto de um longo processo de canonização no qual aprendemos que Machado é o maior representante da alta cultura e que jamais participaria do

efêmero e fútil mundo da cultura de massa. Além disso, podemos atribuir grande parte deste espanto à crença de que esse romance famoso, escrito pelo que é considerado o maior autor da literatura brasileira, deveria ser publicado unicamente na forma de livro, para um público masculino e intelectualizado, e não para mulheres, consumidoras de moda e leitoras de um gênero de história, precursor das telenovelas atuais.

Na perspectiva historiográfica dos Estudos Empíricos da Literatura, o interesse por esse assunto pode ser explicado pelo fato de que estamos no contexto do Brasil do século XXI, preocupados com a grande divisão entre alta cultura e cultura de massa e com os processos de formação de consensos sobre o que é literatura, e qual a sua função na sociedade brasileira. Em outras palavras, seguimos aqui a sugestão de Siegfried J. Schmidt, pesquisador alemão da corrente teórica da Ciência da Literatura Empírica, no que se refere ao reconhecimento de que histórias da literatura devem ser consideradas construções, motivadas por necessidades circunstanciais e que precisam ser legitimadas (SCHMIDT, 1996, p. 101-132).

Siegfried Schmidt apresenta, conforme os desdobramentos de sua reflexão, algumas sugestões para historiadores literários a partir da perspectiva dos Estudos Empíricos da Literatura. A primeira sugestão é configurada a partir do reconhecimento do princípio de construtividade das histórias literárias. Desta maneira, histórias literárias são consideradas construções, motivadas por necessidades sociais e também precisam ser legitimadas, ou seja, histórias literárias não são auto-evidentes. A segunda sugestão, é centrada na concepção da literatura como um sistema social, que organiza processos literários formados por ações literárias, ações estas configuradas a partir de papéis (produção, distribuição, recepção e pós-processamento de textos literários ou leitura crítica). Neste sentido, as histórias da literatura não devem ficar centradas em obras de arte literárias como alguma coisa autônoma na sociedade, e sim, como síndromes agente-texto-contexto.

Seguindo essa perspectiva teórica, encaramos, nesse ensaio, a publicação folhetinesca de *Quincas Borba* como um conjunto de processos literários formados por ações literárias. Neste sentido, *Quincas Borba* não é visto como uma obra autônoma em relação à sociedade brasileira do final do século XIX, mas como um conjunto de síndromes agente-texto-contexto. Nessas síndromes, as ações de produção, distribuição, recepção e pós-processamento (leitura crítica) resultam em pro-

cessos literários que fazem parte de um sistema social chamado sistema literário, sistema que interage com os demais sistemas sociais. Assim a sociedade consiste no conjunto de todos os sistemas sociais, no caso, tratamos da sociedade brasileira no período da publicação do romance nas páginas da revista.

A escolha por esse caminho interpretativo apresenta uma perspectiva que não procura reduzir o texto literário com uma fonte documental do passado. Digo isso, porque o artigo *Quincas Borba* do crítico inglês John Gledson (1986), um dos poucos estudos realizados a partir da versão em folhetim do romance *Quincas Borba*, foi feito a partir desta intenção. John Gledson usa a leitura comparativa entre a edição em folhetim e a do livro para fundamentar a tese de que Machado tenta representar a realidade histórica do final da década de 60 do século XIX, através de alegorias presentes no romance. Segundo essa tese, as transformações da sociedade brasileira, nessa época, só poderiam ser consideradas importantes com o distanciamento de 15 a 20 anos, no momento em que foram consolidadas com a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Isso explica porque Machado situou o argumento de *Quincas Borba* na década de 1860, ao escrever o romance nos anos de 1886 e 1891.

Por outro lado, um outro estudo sobre a versão em folhetim de *Quincas Borba* permitiu um diálogo com a visão teórica que usamos nesse ensaio. Ele consiste no artigo “Estações” da pesquisadora Marlyse Meyer (1993), e abre vários caminhos para compreendermos as relações construídas entre as ações de produção, distribuição e recepção, envolvidas na obra *Quincas Borba*. Isso porque esse texto é fruto da leitura dos próprios exemplares da revista *A Estação*, encontrados na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Isso possibilitou que seu exame não se baseasse apenas numa única visão teórico-metodológica.

Ações de produção e distribuição – a revista feminina, sociedade, gênero e cultura

A partir da leitura do artigo de Marlyse Meyer, foi possível identificar, na edição em folhetim de *Quincas Borba*, dados sobre as situações políticas e socioculturais do final da século XIX. Assim percebemos as ações de Machado de Assis e sua escolha pelo gênero folhetim-romance e a veiculação de *Quincas Borba* na revista como ações de produção e distribuição, de acordo com a terminologia de S. Schmidt.

Em 1879, a revista de modas *La Saison*, editada em português desde 1872 pelos editores H. Lombaert & Comp, recebe uma nova orientação editorial, cuja meta é elevar o periódico à condição de um jornal de modas brasileiro. É neste momento que o nome *La Saison* é substituído por *A Estação*. Entretanto, a parte de modas da revista continuou sendo francesa e a parte literária do jornal, como nos aponta o ensaio “Estações”, deu o caráter brasileiro ao periódico, onde colaboradores brasileiros escreveram resenhas, contos, romances e matérias sobre a vida sociocultural brasileira.

No exemplar de 15 de janeiro de 1879, foi publicado um editorial que demonstra, na forma de perguntas, os objetivos gerais da revista:

Às nossas amáveis leitoras, àquelas principalmente que nos acompanham desde 1872, perguntaremos: cumprimos nós fielmente o nosso programa, auxiliando e aconselhando as senhoras mais econômicas, fornecendo-lhes os meios de reduzirem a sua despesa, sem diminuição alguma do grau de elegância a que as obrigava a respectiva posição na boa sociedade, inculcando ou fortificando-lhe o gosto para o trabalho e moralizando a família a que, por seu turno, saberão inculcar sentimentos iguais?

No mesmo editorial também é explicitado o caráter nacional da nova seção literária que foi legitimada pelo prestígio do seu maior colaborador e organizador, Machado de Assis:

Confiamos a parte literária da *Estação* a pessoas de reconhecida habilidade e neste número encetamos a publicação de uma produção de um dos nossos mais talentosos e festejados romancistas, que especialmente para o nosso jornal a escreveu e cuja coroa brilhante vai, por este motivo, adquirir mais um luzido florão.

Seguiremos nossa análise das ações de produção de *Quincas Borba* a partir dos seguintes pontos: a manutenção ou transgressão da orientação geral do periódico e, finalmente, o papel que os escritos de Machado desempenharam dentro da revista. Lembramos que o objetivo deste periódico era inculcar nas suas leitoras o papel, imposto pela sociedade burguesa às mulheres, de administradoras do lar, de consumidoras das novidades e guardiãs da moral e dos bons costumes nas famílias, conforme nos diz o relatório de pesquisa realizado por Sonia de Souza Moreira (MOREIRA, 1992).

Para atingir a meta de interiorizar nas leitoras o gosto pelo trabalho doméstico e pela moral da família, o periódico utilizou vários

artifícios discursivos e iconográficos que, num plano coletivo, acabaram configurando um imaginário atemporal, a-histórico e desligado da realidade. Em outras palavras, criar um universo atemporal separado do real para as mulheres, significava produzir uma espécie de imaginário mítico, no qual todas as funções, impostas ao público feminino, tornaram-se naturais.

As ilustrações da revista eram fundamentais para a elaboração deste imaginário fantasioso. A definição de *A Estação*, como um jornal ilustrado da família, implicou a sua distinção em relação aos jornais noticiosos, porque as leitoras que procuravam um jornal ilustrado, buscavam entreter-se com as gravuras de modo mais lento e contemplativo, em vez de acompanhar o fluxo dos acontecimentos. Mas a principal finalidade das gravuras era apresentar as imagens dos verdadeiros exemplos que as leitoras deviam imitar. Cenas de mulheres em suas casas auxiliando os filhos e os maridos, retratos de mulheres ilustres geralmente com feições tranqüilas e serenas, foram os tipos de gravura que predominaram no periódico, representando o comportamento perfeito de uma mulher.

A preocupação com essa educação doméstica é mais clara nos textos de aconselhamento, onde escritores, homens públicos e médicos defendem a importância do papel social das mulheres enquanto educadoras, mães, administradoras do lar e companheiras dos maridos. Desta maneira, esses textos trazem conselhos de como aprimorar as prendas domésticas através de receitas culinárias, além de conselhos sobre o comportamento em sociedade e em casa.

Em *A Estação*, foram publicados vários textos ficcionais que também serviam para transmitir normas e regras. Neste caso, as imposições perdem a sua nítida face disciplinadora e são estruturadas numa atmosfera sentimental, agradável, familiar e acima de tudo fantasiosa. Isso compõe uma perfeita estratégia em que o isolamento das leitoras é amenizado com a fantasia. Podemos considerar, seguindo as análises da pesquisa, que as gravuras, os textos de aconselhamento e os textos ficcionais, com exceção dos textos machadianos, contribuíram em conjunto para a configuração do que a pesquisadora Sonia Moreira chama de “mitologia do universo protegido”.

Ao contrário do conjunto de discursos que protegiam as leitoras do mundo real, existiam, porém em menor número, crônicas que criaram um campo de resistência ao imaginário do universo protegido ao

abordar acontecimentos da atualidade. Os cronistas, do período de 1884 a 1894, foram aos poucos levando às leitoras notícias, notas e resenhas sobre a vida cultural da cidade através de colunas como: *A Cidade e os theatros*, *Highlife* e *Theatros e Chroniqueta*.

No final do relatório de pesquisa, fica evidente que os textos ficcionais de Machado de Assis, publicados em *A Estação*, formavam um terceiro bloco narrativo dentro da revista, diferente do conjunto de textos e imagens edificantes que compunham o universo protegido ou a “realidade a bico-de-pena”, e também, diferente das crônicas que retratavam a vida cultural do cotidiano carioca. Desta maneira, a inabalável acronia criada pelo periódico é desfeita por histórias, que sutilmente demonstravam a hipocrisia que estruturava esse conjunto de regras e valores. Como reflete Sonia Moreira:

A análise dos contos que acabamos de realizar nos faz crer que os textos ficcionais machadianos de fato operavam, ainda que às vezes sutilmente, a quebra da acronia e da aparente invulnerabilidade do “real a bico-de pena” forjado pelo periódico. Através da sua “galeria de viúvas”, dos desajustados sociais e até mesmo das suas solteironas, a ficção machadiana com certeza apontava não só para os limites do “universo protegido” e para a hipocrisia que o circundava, como inseria no periódico personagens e circunstâncias de um mundo que as suas leitoras, muito provavelmente, ignoravam (ou procuravam ignorar) [MOREIRA, 1992, p. 107]

Buscamos, a partir deste momento da análise, identificar os mecanismos que o texto machadiano apresenta, a partir do romance *Quincas Borba*, os limites do imaginário social de suas leitoras. E para isso, é necessário voltar à questão proposta, já iniciada nos ensaios de Marlyse Meyer : as formas de leitura que o público feminino do final do século XIX foi condicionado a praticar. Pois aqui, estamos seguindo a hipótese de que a singularidade da ficção machadiana, está na provocação ao leitor a transgredir os limites estabelecidos, tanto na sua interação com o texto, quanto na sua ação na realidade. Estamos agora lidando com aspectos e funções das ações de recepção.

O romance *Quincas Borba*: ações de recepção

A questão da recepção da versão em folhetim de *Quincas Borbas*, pelo público leitor da revista *A Estação*, nos remete a dois temas abordados pelos estudos de Andreas Huyssen: a dicotomia entre a alta cul-

tura e a cultura de massa, na modernidade, e a questão de gênero ligada a esta divisão. Pois, segundo Huysssem:

É incrível, realmente, observar como o discurso político, psicológico e estético na virada do século consiste e obsessivamente representa a cultura de massa e as massas como femininas, enquanto a alta cultura, seja tradicional ou moderna, permanece claramente como terreno privilegiado das atividades masculinas. (HUYSSEM, 1996, p. 47)

Nosso interesse, aqui, é compreender esses dois temas em conjunto com os estudos feitos na área da história da leitura, sobre o caráter social e político das práticas leitoras das mulheres do século XIX. Em outras palavras, pretendemos examinar o contexto de recepção, enfatizando como o texto de Machado de Assis transgride os limites estabelecidos entre alta cultura e cultura de massa e, ao mesmo tempo, rompe com a imposição às mulheres de um tipo específico de leitura.

Foi em meados do século XIX que a cultura da modernidade iniciou a tentativa de separar radicalmente a alta cultura e a cultura de massa. Porém, esse esforço para separar alta cultura e a cultura de massa, ou arte e mercado, produziu também a cisão entre arte, cotidiano e política. Esta perspectiva dicotômica se apresentou limitada no momento em que a defesa da alta cultura se burocratizou, se institucionalizou e, apenas a grosso modo, se restringiu a canonizar obras, a ditar quem é representante da tradição e quem são os eleitos que podem realmente ler as grandes obras.

A preocupação em manter a grande divisão entre alta e baixa cultura tem raízes também nas políticas de classificação e exclusão das sociedades de disciplina do século XIX. Encontramos aqui as origens da associação estratégica entre a divisão em dois tipos de cultura e as diferenças de gênero, em que a alta cultura ficou rotulada como masculina e a cultura de massa como feminina. Nos limites dessa tradição, foi estruturado o imaginário sobre o ato da leitura, de caráter elitista, no qual os homens cultos das altas classes foram considerados os únicos capazes de compreender as obras canonizadas. E para os demais, especialmente para as mulheres, restou o rótulo de consumidoras das futilidades da cultura de massa ou de incapazes de entender as grandes obras da alta cultura.

A partir da consolidação da sociedade burguesa, após as revoluções Francesa e Industrial, houve a necessidade da nova elite burguesa de subordinar as atividades e os espaços sociais ao seu sistema de valo-

res. Escolas, hospitais, hospícios e presídios serviram muito mais para disciplinar e até excluir pessoas e grupos sociais, que poderiam ser nocivos à ordem da nova sociedade, do que para educar ou curar, como Michel Foucault apresentou em vários escritos (FOUCAULT, 1979).

Ao mesmo tempo, na Europa, a ampliação da alfabetização em massa e o grande desenvolvimento da indústria editorial possibilitaram o surgimento de um público leitor novo, composto de mulheres, crianças e operários. Apesar dos lucros que se conseguiam com esse novo tipo de leitor, a elite sócio-cultural considerou perigosa a disseminação da leitura nas camadas consideradas inferiores e criou mecanismos para controlar e desvalorizar as práticas leitoras populares, femininas e operárias. A formação de conceitos e imagens, do que são a leitura e o leitor e, acima de tudo, a imposição do que as pessoas deveriam ou não ler, conforme o grupo social ou gênero, foram algumas das estratégias usadas pelos grupos dominantes.

As leitoras brasileiras da revista *A Estação* se enquadram perfeitamente no público alvo desta estratégia de controle e disciplina da sociedade ocidental do século XIX. Por isso, existiu, na produção da revista, a preocupação de direcionar o ato da leitura das consumidoras do jornal para um tipo de leitura que podemos chamar de “leitura passiva”, em que as leitoras devem seguir as narrativas, tanto as ficcionais, quanto as não ficcionais, de forma obediente e acrítica. Neste contexto, ler significava apenas receber as informações, conselhos e dicas sobre a vida doméstica. Neste ponto, podemos perceber a gênese da convenção de que o leitor não tem liberdade de escolha para suas interpretações, e deve seguir as orientações apresentadas por professores, jornalistas, críticos ou pelos próprios autores.

Acreditamos que as muitas provocações feitas ao leitor em *Quincas Borba* correspondem ao objetivo de atingir as leitoras que estavam mergulhadas num mundo de discursos moralizantes e jornalísticos, que lhes impunha apenas uma realidade ou pretendia representar essa realidade fielmente, e reduzi-la a uma verdade inquestionável. Os textos de Machado tentam quebrar essa passividade ao desviar sua narrativa do plano linear e seqüencial, para o que Walter Benjamin chamou de “extraordinário” ou “maravilhoso”, que dá ao “leitor a liberdade de interpretar as coisas como as entende e, desse modo, os temas narrados atingem uma amplitude que falta à informação” (BENJAMIN, 1992). Em termos da teoria do efeito estético

de Wolfgang Iser (1996), *Quincas Borba* apresenta lacunas e negações que estabelecem uma radical assimetria com as leitoras (os) da revista *A Estação*.

Devemos lembrar que *Quincas Borba* é uma história em que a hipocrisia das normas sociais é desmascarada, e todas as intenções obscuras e egoístas das personagens são demonstradas ao leitor. Desta forma, o imaginário fantasioso e moralizante, configurado nas outras páginas da revista, é desconstruído pela narrativa do romance. O casal Palha e Sofia contrapõe-se enfaticamente ao perfeito exemplo de marido e mulher, porque Palha usa o poder de sedução de sua bela esposa para tirar vantagens financeiras do apaixonado Rubião.

A loucura, tema perigoso e desagradável para a sociedade burguesa, é muito abordado na trama. Rubião recebe de herança, além de boa quantia de dinheiro, a loucura de Quincas Borba, porém esta loucura é muito semelhante às fantasias vendidas pela sociedade burguesa. Rubião enlouquece e passa a ler os jornais com olhos fantasiosos, lembrando muito os possíveis delírios das leitoras de *A Estação* quando estavam contemplando as gravuras e lendo os textos da revista.

Enfim, este encaminhamento interpretativo é configurado pela justaposição de ações, ou seja, a produção, a recepção e a distribuição do texto estão sendo analisadas a partir das ligações estabelecidas entre a revista e a sociedade carioca das últimas décadas do século XIX e, no caso das leituras críticas, estamos considerando-as como construções que mudam conforme os interesses, preocupações e questionamentos, surgidos posteriormente à publicação de *Quincas Borba*.

O contexto abordado neste capítulo nos faz pensar no alto grau de interação entre as ações de produção, distribuição e recepção de textos, e os processos de manutenção e alteração das convenções. No caso da revista, foi possível perceber a existência de um conjunto de ações que apresentam claramente o objetivo de impor às leitoras as normas de conduta para as mulheres. Isso estava atrelado a um processo de construir uma determinada realidade para elas, um mundo completamente ordenado em belas roupas e casas arrumadas, ou seja, uma realidade completamente limitada ao dia-a-dia doméstico.

Por outro lado, encontramos uma construção diferente da realidade, a partir da parte literária da revista e principalmente dos escritos de Machado de Assis. Assim, nesse espaço híbrido entre alta cultura e cultura de massa, surge a possibilidade de se criar um espaço transicional

entre a construção de uma realidade controlada (e domesticada) e um universo multifacetado, no qual o leitor (a) é provocado (a) a tomar suas próprias decisões, seguir os seus próprios caminhos e ver a sociedade de forma crítica e irônica.

Percebemos também, a partir da história da publicação em folhetim de *Quincas Borba*, o ato da leitura como contato cultural, no qual a divisão dicotômica entre alta cultura e cultura de massa é transgredida. A relação de alteridade entre o universo dito inferior, fútil das práticas culturais femininas, representado pela cultura de massa e a alta cultura, produzida pelos homens letrados e cultos daquele período, é negociada nessa situação híbrida que une os dois universos através das estratégias mercadológicas da revista, ao usar a literatura também como um sinônimo de sofisticação na nascente modernidade brasileira.

Assim, devemos reconhecer que todas as ações de produção e recepção deste romance nas páginas da revista *A Estação*, correspondem ao ato de transcender o que Andreas Huyssen chama de “o grande Divisor, o discurso que insiste na divisão categórica entre alta cultura e cultura de massa”. Ao mesmo tempo, isso constituiu um jogo onde as normatizações que encontramos nas demais partes da revista, inclusive a imposição de se consumirem produtos da alta cultura, são ironizadas, desafiadas pela forma que o leitor (a) é levado (a) a interpretar a história fora do modelo das lições de comportamento e modas.

Isso nos faz acreditar que neste contexto analisado encontramos uma explícita relação entre as formas de convenção configuradoras da atividade da leitura, que estabelecem o ato da leitura apenas como um meio de receber informações, e as demais ações da vida social. Por essa razão, acreditamos que o romance *Quincas Borba* propunha uma multiplicidade de opções e visões para contrapor-se à normatização.

A normatização da sociedade brasileira do final do século XIX estava ancorada também em concepções filosóficas como o positivismo e o evolucionismo. É plausível interpretar que as obras de Machado, do chamado período realista, após a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apresentam uma ácida crítica a essas concepções filosóficas. Por exemplo, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a própria idéia de construir uma narrativa atribuída a um morto, que retrata a sua vida de forma irônica e melancólica, representa uma quebra radical do princípio de organização da vida dentro de uma cadeia evolutiva, conforme defende o evolucionismo e positivismo.

Acreditamos que o mesmo é possível em *Quincas Borba*, através da filosofia criada e defendida pelo louco Quincas Borba, o humanitismo. O humanitismo pregava que existe um princípio chamado “humanitas” que governa tudo. “Humanitas” é muito semelhante às leis de evolução pregadas pelo evolucionismo e pelo positivismo. Tal semelhança fica evidente no exemplo, dado por Quincas Borba a Rubião, em que duas tribos lutam por batatas para se alimentar e para terem forças suficientes até chegar à região onde existem mais batatas. Com a divisão equitativa das batatas, ambas as tribos não se alimentariam bem e acabariam desaparecendo. Então, só a disputa e a guerra poderiam preservar aqueles seres e, por isso, o princípio “humanitas” está na guerra e não na paz. Tal situação conota uma semelhança entre as idéias da filosofia de Quincas Borba e as idéias de seleção natural, defendidas pelo evolucionismo e pelo princípio do espírito positivo de Comte.

A partir dos caminhos interpretativos explorados neste trabalho, acredito que é viável ver a história da publicação de *Quincas Borba* na revista de modas *A Estação*, como resultado de várias ações e processos literários, midiáticos, mercadológicos e políticos. Neste caso, o breve conjunto de reflexões e análises que fizemos até aqui busca compreender as interseções entre as ações de produção, de recepção, de mediação e processamento pós-textual, em vez de apenas apresentar a nossa interpretação da obra em questão. Nosso propósito é considerar, enfaticamente, que estas interpretações não podem ser encaradas como uma verdade revelada, mas como entendimentos plausíveis, e formados pela interação dos diferentes elementos, ações e contextos, ou seja, apenas um olhar entre vários.

Na mesma direção, reafirmamos a crença de que é possível construir novas formas de experiência social a partir do encontro do sistema literário com os demais (sub)sistemas sociais, fora das tradicionais configurações que pretendem controlar o público consumidor dos bens culturais, dentro de determinados limites.

A compreensão da ligação entre o principal autor do cânone nacional e a cultura de massa pode provocar o deslocamento do olhar dicotômico que, em geral, estabelecemos entre a literatura e as outras formas de mídia mais massificadas. Podemos, por exemplo, formar novas alternativas plurais diante do problema da relação entre ações de grupos sociais ditos excluídos e o sistema literário, pois as fronteiras que

separam esses universos não são mais consideradas algo intransponível e estático.

Deve-se ainda levar em consideração a influência de concepções de mundo que estão presentes na mentalidade de uma sociedade. O positivismo de Comte conseguiu entrar na nossa vida intelectual e política de forma muito significativa. É viável considerar, como legado dos princípios positivistas, a convenção de que se deve descobrir a verdadeira interpretação de uma obra artística e principalmente de uma obra literária, e de que o estudo da literatura se resume na compreensão histórica das obras a partir das mudanças dos estilos de época. Na cultura letrada desenvolvida no Brasil, existe, desde o período da chegada dessas correntes, a crença no poder do observador de descobrir a verdade essencial dos objetos e do mundo e jamais realizar uma auto-observação fora da configuração histórico-evolucionista, configuração segundo a qual ele se vê como um ser em progressiva descoberta da verdade. Talvez seja essa a explicação que nos faz compreender porque, ainda hoje, muitas pessoas ainda estranham o fato de se estabelecerem várias possibilidades interpretativas para uma mesma obra.

Em suma, o estudo da intrigante relação entre a produção, a distribuição, recepção e leitura crítica da publicação em folhetim do romance machadiano *Quincas Borbas* e a sociedade brasileira do século XIX, nos fornece grandes contribuições para a compressão da interação entre discurso ficcional e sociedade. Desta forma, nossas velhas concepções e preconceitos são desafiados e novas possibilidades de entendimento dos fenômenos artísticos, culturais e sociais nos são apresentados. Acreditamos que esses novos modelos de análise consistem também num importante instrumento de inserção social por parte dos Estudos Literários nos dias de hoje, num contexto em que existe um incontestável domínio dos meios de comunicação de massa em relação aos demais bens culturais. Assim sendo, estudos dos tipos de recepção e transgressão, provocados pela ficção, podem contribuir para o entendimento da relevância do desenvolvimento de diferentes modos de práticas leitoras, numa sociedade que sempre privilegiou as verdades absolutas ditadas e estabelecidas por seus setores hegemônicos.

ABSTRACT

The present article is an analysis of the publication of Machado de Assis's novel *Quincas Borba* in the *A Estação* magazine, between the years 1886 and 1891, in feuilleton format. The theoretical view of this article is influenced by Science of Empiric Literature. In this way, we pretend to approach the relation between the text, the magazine and the society like a body of actions of production, distribution, reception and critical reading.

KEYWORDS:

Machado de Assis, feuilleton, reception, literary system, society

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1975.

BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GLEDSON, John. *Quincas Borba*, In: _____. *Machado de Assis: Ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996, 2v

_____. Teoria da recepção: reação a uma circunstância histórica. In: Rocha, João Cezar de Castro (Org) *Teorias da ficção: indagações sobre a obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

MEYER, Marlyse. Estações. In: _____. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993.

MOREIRA, Sonia de Sousa. *Literatura e Imprensa. A ficção em revistas femininas do século XIX. Machado de Assis no Jornal das Famílias e em A Estação*. (Relatório de pesquisa orientada por Maria Helena Vicente Werneck). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1992.

SCHMIDT, Siegfried J. Do texto ao sistema literário. Esboço de uma ciência da literatura empírica construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger (org.) *Ciência da literatura empírica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 74-98.

_____. Sobre a escrita de histórias de literatura. Observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura*. São Paulo: Ática, 1996, p.101-132